

Algumas considerações sobre o Diabo na Divina Comédia

Daniel Lula Costa
Solange Ramos de Andrade

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

COSTA, DL., and ANDRADE, SR. Algumas considerações sobre o Diabo na Divina Comédia. In MAGALHÃES, ACM., *et al.*, orgs. *O demoníaco na literatura* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2012. pp. 149-160. ISBN 978-85-7879-188-9. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Algumas considerações sobre o Diabo na Divina Comédia

Daniel Lula Costa (UEM)¹

Solange Ramos de Andrade (UEM)²

Desde a Antiguidade o cristianismo professa a salvação das almas bondosas e, acima de tudo, cristãs: “pregar era, de fato, definir os contornos da verdadeira religião diante da heresia e da superstição” (BEAULIEU, 2006, p.367). Por meio de grandes conflitos entre numerosas ideias mitológicas ela se estabelece no Ocidente como uma referência religiosa e passa a aumentar seu território religioso por meio de seu discurso e de suas estratégias de profissão: “as armas da Igreja eram mais espirituais” (LE GOFF, 2005, p.275)

O cristianismo se instituiu como explicação para a vida, para a conduta humana e para a morte. O discurso religioso caracteriza-se pela ideia do pós-morte, do supremo e do sobrenatural. Na Idade Média o medo do desconhecido estava presente no cotidiano, o homem medieval reagia aos conflitos e as dificuldades por meio de sua fé, muitas vezes conflituosa entre o desconhecido e a ideia cristã. Esse imaginário medieval confundia-se com as diversas mitologias antigas e a busca por novas explicações.

1 Daniel Lula Costa é Mestrando em História pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual de Maringá (PPH-UEM). Bolsista da CAPES. Integrante do Laboratório de Estudos em Religiões e Religiosidades (LERR-UEM). E-mail:daniellcosta23@yahoo.com.br

2 Solange Ramos de Andrade é Professora Associada do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá - PR. Bolsista Produtividade em Pesquisa pela Fundação Araucária de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Estado do Paraná. Coordenadora do Laboratório de Estudos em Religiões e Religiosidades (LERR-UEM). E-mail: sramosdeandrade@gmail.com

O Além foi o tema de maior repercussão no medievo, saber a trajetória da alma após a morte é uma ideia confortante e interessante. “O além é um dos grandes horizontes das religiões e das sociedades. A vida do crente transforma-se quando ele pensa que nem tudo fica perdido com a morte.” (LE GOFF, 1981, p.15)

A própria estrutura das cidades estava ligada à mentalidade da relação entre o vivo e o morto. Os cemitérios estavam mais próximos do solo sagrado, ao lado das Igrejas e os rituais como a preparação do corpo para ser enterrado e a confissão antes da morte mostram a extrema influência do cristianismo no imaginário ocidental. Estas formas de conduta estão ligadas a preocupação do vivo com a sua alma e com o seu destino após a morte, “O quadro de todas essas práticas é a comunidade local dos vivos e dos mortos, a paróquia, o par indissociável da igreja e do cemitério no próprio centro da aldeia ou do bairro.” (SCHMITT, 1999, p.145)

De certa forma o próprio conhecimento do pós-morte não era em seu todo confortante. Do ano mil ao século XIII, um dos ambientes descritos no medievo caracterizou-se pelo medo, pela punição, pelo pecado, pelos seres monstruosos e pelo Diabo. Este ambiente foi muito citado no medievo e ficou conhecido como Inferno. Dos três ambientes do pós-morte cristão (Inferno, Purgatório e Paraíso) este foi o que mais marcou o imaginário e a conduta do fiel, pois uma de suas características era estabelecer a punição pelo ato do pecado. Ao conhecer a punição e o mal que habitava este local o cristão buscava levar uma vida de paz e bondade.

Terrificantes ou tranquilos, a morte e os mortos estão igualmente presentes muito concretamente em um grande número de relatos para dar esperança (mostrando, com o apoio de exemplos, que até o último suspiro nunca é tarde demais para arrepender-se dos pecados) ou para despertar o medo (descrevendo com grande luxo de detalhes os castigos infernais). (SCHMITT, 1999, p.144)

Dessa forma nos deparamos neste momento com as seguintes perguntas: Quem é o Diabo? Como ele é descrito? Por meio destas perguntas reconstruiremos este ser de acordo com algumas das diversas imagens e discursos que relatavam ou descreviam o Diabo como rei do reino do mal absoluto cristão, principalmente buscando entender a representação do Diabo na obra magna de Dante Alighieri: a *Divina Comédia*.

Antes de conhecermos o Diabo dantesco devemos entender alguns empecilhos como: o mito de origem do reino do mal cristão, as imagens de Lúcifer que foram pensadas e como seu mito foi construído. A existência do Inferno é resultado de um conflito celestial, de acordo com a mitologia cristã, um dos anjos de Deus rebelou-se contra seu Senhor com o desejo de ser como seu criador ou até mesmo melhor que ele. Ao descobrir está ideia recorrente na mente de um de seus anjos, Deus acaba punindo-o, e também aqueles que o apoiaram.

Estava presente no imaginário medieval que do Paraíso celestial o anjo foi lançado à Terra, sua queda foi tão forte que modificou a própria geografia do planeta. De acordo com está interpretação o Inferno é criado como um grande buraco em formato de cone que se prolonga até o centro da Terra, onde está o anjo caído, conhecido também como Lúcifer.

Lúcifer é um dos nomes dados a personificação do mal na religião cristã. Não se sabe ao certo a própria origem deste nome, alguns historiadores atribuem a esta denominação uma interpretação do livro de Isaías. Na realidade o termo Lúcifer não seria um nome, mas um adjetivo que significa: “o que leva a luz” (LINK, 1998). Ao analisarmos o próprio contexto desta afirmação, contida no livro de Isaías, notamos que o termo poderia ter qualificado a estrela Vênus, uma das primeiras a aparecer ao anoitecer; e que Isaías teria utilizado está palavra para se referir a um rei tirânico que havia caído (LINK, 1998).

No século XIII, ao escrever a *Divina Comédia*, o poeta florentino, Dante Alighieri, denomina o ser maligno do Inferno como Lúcifer, ou seja, para o poeta a denominação Lúcifer e Diabo são atribuídas ao mesmo ser (LINK, 1998), conseqüentemente, significam a mesma coisa. Mas como isso acontece?

A atribuição das ações malignas e de tudo aquilo que é tido como mal são tidas como obras do Diabo, ou seja, podemos deduzir que o Diabo é o próprio mal. As denominações Diabo e Lúcifer referindo-se ao ser maligno não estão nas Escrituras (LINK, 1998). No entanto devemos investigar a apropriação deste termo pelo cristianismo e pelos fiéis para que, posteriormente, significasse a personificação do mal.

O Diabo possui inúmeros nomes, estes vão de Satã, Demônio, Rei do Inferno, até chegar a Lúcifer. Como observamos, o termo Diabo não

está presente no Antigo Testamento, portanto, como o próprio Link descreve: “fora introduzido pelos judeus alexandrinos: ao verterem o Antigo Testamento para o grego, traduziram o *satan* hebraico para o grego *diabolos*.” (LINK, 1998, p.24). A palavra Diabo provém de três línguas diferentes: hebreu, grego e latim, sendo respectivamente; *satan*, *diabolos*, *diabolus*.

O Antigo Testamento, mais precisamente, o Livro de Jó contribuiu para a história do Diabo e, também para a atribuição da associação angelical que a ele será atribuída na arte do século IX. “Deus está satisfeito com seu servo Jó e o louva, mas eis que se adianta o *Satan* (= ‘hostilizar, acusar, caluniar’), um dos ‘filhos de Deus’, isto é, um anjo.” (NOGUEIRA, 1986, p.8)

Mas o que significa Diabo? De acordo com a maioria dos dicionários de figuras simbólicas, o termo Diabo significa: caluniador, provocador de discórdia, acusador. Averiguamos o significado da palavra Diabo em dois dicionários de símbolos. De acordo com Udo Becker, o termo Diabo significa:

[gr. Diabolos= caluniador, provocador de discórdia; hebr. Satã]. Segundo a doutrina cristã, trata-se de > anjos que se rebelaram contra Deus, especialmente o mais elevado entre eles, Lúcifer, que seduziu o primeiro casal humano ao pecado desde então é o “príncipe do mundo”. (BECKER, 2007, p.88)

Já, de acordo com o Chevalier e Gheerbrant Diabo significa:

El maligno es el símbolo de lo malvado. Vistase de gran señor o gesticule sobre los capiteles de las catedrales, tenga cabeza de boque o de camello, los pies ahorquillados, cuernos, pelo por todo el cuerpo, poco importan las figuras, él no anda nunca escaso de apariencias, **pero es siempre el Tentador y el Verdugo**. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1986, p.414, negrito nosso)

Notamos que o primeiro dicionário busca a explicação na própria etimologia da palavra, enquanto o segundo analisa o próprio termo produzido pelo imaginário, sendo ambos por este motivo necessários. Esta

breve explicação nos mostrou as várias denominações do Diabo, mas qual seria a sua forma?

De acordo com Link, o Diabo é uma *máscara sem rosto* (LINK, 1998); título que ele atribuiu a seu livro. A explicação é que diferente das figuras cristãs como, por exemplo, Jesus Cristo e Maria, o Diabo não possui uma imagem estabelecida e institucionalmente aceita. Dessa maneira o termo e o próprio imaginário carregam inúmeros modelos do que seria a figura física de Lúcifer. Perante os séculos notamos uma imagem do Diabo muito variável, ela passa por diversas metamorfoses, de uma figura angelical para a de um monstro grotesco.

A própria associação de Deus como luz, brilhante e iluminado possibilita uma contraposição do Diabo, seu maior adversário, como representante da escuridão, do preto e obscuro. Lúcifer é o adversário de Deus e, portanto, é tudo aquilo que é oposto a Deus, de acordo com Chevalier e Gheerbrant, o Diabo é: “centro de noite, por oposição a Dios, centro de luz.” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1986, p.414). No século IX, Lúcifer passa a ser representado como um anjo negro, escuro e nu.

Por que o Diabo é preto? Seu negrume contrastava com a beleza branca dos anjos. O preto representa o mal e a poluição. **Satã sentado em seu trono no Inferno é sempre preto. Quando cai do céu, é preto o mais das vezes.** Talvez o negrume do Diabo tenha relação com os deuses egípcios e núbios. (LINK, 1998, p.63, negrito nosso)

Na maioria das vezes o Diabo é representado como um anjo nu e pintado em tinta preta. A nudez pode ser tanto uma representação da tentação ou a ideia de um ser não social, ou seja, que não vive mais em sociedade desde a sua expulsão do Paraíso celestial. “Nudez tornou-se *desnudamento*, e desnudamento tornou-se degradação e humilhação, um sinal de ser enxotado como um louco ou um animal [...]” (LINK, 1998, p.67).

O Diabo não era representado de forma homogênea pelos pintores e escritores, eles não sabiam como construir ou encarar o anjo caído. Muitas pinturas anteriores ao século XVI colocam o Diabo em comparação com o Deus Pã; um sátiro metade homem e metade animal, com cascos, chifres, orelhas pontudas e barda. Não se sabe o porque os sátiros e o próprio Deus Pã foram transformados em demônios e, muitas vezes, no próprio Diabo.

Constatamos que a figura do Diabo passou por diversas transformações que culminaram em diversas associações ao mal, ao grotesco e aos seres mitológicos. Estas intenções de entender o Rei do Inferno, pertencentes às diversas obras de arte do período medieval, à literatura e ao discurso cristão possibilitaram que o poeta florentino Dante Alighieri construísse outra versão do Diabo cristão; verificaremos a forma e a representação deste monstro na *Divina Comédia*.

O Lúcifer dantesco

O Diabo, como vimos, possui diversos nomes e isto também ocorre na obra de Dante, na qual encontramos a nomenclatura: Dite, Lúcifer e Satã. Este ser possui características grotescas, medonhas e monstruosas, mas antes de verificarmos a personificação do Diabo na *Divina Comédia* faz-se necessário uma breve apresentação do poeta, Dante Alighieri e de sua obra magna.

O poeta florentino nasceu na cidade de Florença em 1265 (FRANCO JUNIOR, 2000). Não possuímos grandes informações sobre a sua infância e adolescência, mas perante algumas biografias do poeta e de acordo com as suas obras, verificamos que ele frequentou instituições de ensino e dedicou-se ao conhecimento. Dante foi um poeta preocupado com o seu mundo e com a sua cidade natal, mas acima de tudo ele amou Beatriz.

O poeta conheceu Beatriz aos nove anos de idade, e apaixonou-se. Não sabemos ao certo se Dante encontrou-se muito com a dama, pois foi obrigado a casar-se com Gema Donatti por meio de um acordo matrimonial (DISTANTE, 2008). Dessa forma o amor de Dante por Beatriz não passou de um sentimento reprimido. Beatriz morreu em 1290 (FRANCO JUNIOR, 2000), e o amor entre ela e o poeta não foi concretizado.

Por meio de desentendimentos políticos, Dante Alighieri foi exilado de sua cidade natal. Foi durante este exílio que ele dedicou-se integralmente a poesia, e escreveu sua obra magna *Divina Comédia*. O objetivo central deste poema é possibilitar que Dante reencontre seu grande amor, Beatriz. Como eles não puderam ser felizes em suas vidas terrenas, Dante pensou em amá-la na vida após a morte. Dessa forma o protagonista de sua obra é

ele mesmo, ainda vivo que peregrinará pelos ambientes do pós-morte cristão para encontrar a alma de Beatriz que foi destinada ao Paraíso celestial.

O poema é dividido em três partes: o Inferno, o Purgatório e o Paraíso. Cada uma delas possui 33 cantos, com exceção do Inferno que possui 34, sendo que o primeiro é uma introdução para toda a obra. As estrofes são compostas por três versos, em tercetos encadeados (DISTANTE, 2008). O número três é muito presente na estrutura do poema; uma referência a Santíssima Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo.

Para cumprirmos com o nosso objetivo focaremos na primeira parte do poema, o Inferno. Ele é dividido em nove círculos infernais, cada qual diferenciado pelas punições, pelos pecados, pelos demônios e pela estrutura ambiental. O poeta organizou e criou uma geografia para o Inferno cristão, conforme lemos o poema conseguimos pensar imagetivamente como Dante e o imaginário medieval conceberam o Inferno cristão.

Ainda segundo este imaginário, o Inferno originou-se próximo a cidade de Jerusalém. A queda de Lúcifer deu forma ao ambiente e o estruturou em círculos. O primeiro círculo é o Limbo, daqueles que não foram batizados ou nasceram antes de Cristo. O segundo círculo é o dos luxuriosos; no terceiro estão os gulosos; no quarto círculo estão os avaros e pródigos; no quinto encontramos os danados pela ira; no sexto círculo estão os hereges; no sétimo os violentos; no oitavo os fraudulentos; no nono e último círculo, os traidores.

A figura central para nossa análise encontra-se no nono círculo do Inferno, o círculo dos traidores e também, o último círculo, onde o peso da alma ganha o seu ápice, pois para Dante a traição era o pior dos pecados. Este círculo é localizado no centro da Terra e é dividido em quatro partes: Caina, Antenora, Ptoloméia e Judeca. Este círculo tem uma peculiaridade, ele é frio e seu lago Cocito está congelado, onde estão as almas traidoras. Lúcifer está na última parte onde mastiga os traidores: Judas, Brutus e Cássio.

A própria imagem que Dante transmite de Lúcifer é algo um tanto diferente. Devemos compreender que a partir do ano mil o Diabo estava solto, “O Inimigo e miríades de demônios vagavam por toda parte, tentando e corrompendo, explorando cada fraqueza e desejo” (NOGUEIRA, 1986, p.35). Ao lermos e verificarmos o Diabo na *Divina*

Comédia percebemos que a intenção de Dante não é mostrar um ser livre que vaga pelo seu reino assim como anda pela Terra, mas uma figura que em seu lar é presa, medonha e grotesca.

Lúcifer ‘já foi belo como hoje é feio’, lembrou Dante a seus leitores, mas somente a feiúra e maldade de Satã estiveram na mente dos crentes, pensadores, escritores e artistas durante mais de mil anos. Até mesmo Botticelli, amante da beleza, desenhou uma fera repulsiva para ilustrar o Lúcifer de Dante. (LINK, 1998, p.31)

No século XI e XII a arte constrói o Diabo com barba, cascos e pelos, Muchembled (2001) afirma que o Diabo passa a tornar-se bestial a partir do século XIII. A herança das imagens do demoníaco ainda estão presentes e transformam o Diabo em um ser animalesco, grotesco, com unhas grandiosas, uma expressão tenebrosa e dentes horríveis, como o oposto dos anjos.

Ele deixa sua abstração sem forma para tornar-se devorador de homens, uma besta do Apocalipse. As faces de um homem com barba, antes atribuídas ao sátiro, orelhas pontudas e olhar fulminante marcam a figura do Diabo neste período. Ele causa medo às elites da fé e se sobrepõe sobre os cristãos mais simples que antes o viam como uma abstração sem forma e agora vinculam as imagens das catedrais, do teatro e das obras de arte ao modelo de Diabo.

O diabo ainda é buscado, ou melhor, os homens que o imaginam hesitam entre a lição grotesca que agrada a muitos e uma definição mais assustadora nascida de uma meditação teológica desenvolvida desde Gregório, o Grande. A Acentuação de traços negativos e maléficos dos demônios pode ser realmente assinalada a partir do século XIV [...] (MUCHEMBLED, 2001, p.34)

Dante Alighieri descreve a figura de Lúcifer no final do século XIII e início do XIV. A sua interpretação é baseada no monstruoso, na ideia do anjo caído possuidor de asas que não são mais belas e angelicais, mas grossas, negras e em formato igual às asas de morcego. O Lúcifer dan-tesco é descrito no canto 34, último canto do Inferno, Dante apresenta primeiramente as faces do Diabo:

Mas foi o meu assombro inda crescente

quando três caras vi na sua cabeça:
 toda vermelha era a que tinha à frente,
 e das duas outras, cada qual egressa
 do meio do ombro, que em cima se ajeita
 de cada lado e junta-se com essa,
 branco-amarelo era a cor da direita
 e, a da esquerda, a daquela gente estranha
 que chega de onde o Nilo ao vale deita.
 (ALIGHIERI, 2008, p.226)

Nesta descrição, Lúcifer possui três faces e cada uma delas difere-se pela cor. A do meio é vermelha, a da esquerda é negra e a da direita é branco-amarelada. Diversos historiadores buscam explicações para a distribuição de cores das faces do Diabo dantesco, mas as suas interpretações ainda são incertas. De acordo com Russel (2003), diversas são as teorias sobre as cores aqui analisadas e uma delas foi a de Freccero que as analisou da seguinte forma:

Ele começa a explicação com Lucas 17:6, no qual Cristo diz que com fé profunda o bastante a pessoa poderia pedir para uma amoreira se mover e ela se moveria. Santo Ambrósio usou a amoreira como um símbolo do Diabo, pois da mesma maneira que sua fruta começa branca, amadurece e fica vermelha, e então fica preta, assim o Diabo começa glorioso e branco, brilha vermelho no poder dele, e então fica preto com o pecado. Mas Agostinho usou a amora tricolorida como um símbolo da cruz. E Ubertino de Casale descreveu *vexilla* de Cristo como colorido da mesma maneira. O que Dante fez foi reunir a cruz, o Diabo e as três cores. (RUSSEL, 2003, p.224)

Depois de descrever a cabeça de Lúcifer, Dante descreve o seu corpo bestial. Podemos identificar a figura de um anjo caído, o Diabo dantesco é possuidor de três pares de asas de morcego em comparação as asas dos Serafins que no Paraíso dantesco possuem três asas brancas e grandiosas; o branco e iluminado em oposição ao escuro e macabro. Segundo Link

(1998), a atribuição de asas de morcego ao Diabo não é algo originado em Dante, algumas teorias apontam que ele pode ter se baseado nas pinturas das catedrais, principalmente na pintura de Giotto que desenhou os demônios com asas de morcego.

Um par de grandes asas acompanha
 cada uma, com tal ave consoantes:
 - vela de mar vira eu jamais tamanha-
 essas, sem penas, semelhavam antes
 às dos morcegos, e ele as abanava,
 assim que, co' os três ventos resultantes,
 as águas de Cocito congelava.
 (ALIGHIERI, 2008, p.227)

O Lúçifer dantesco é um monstro grandioso, com três fâces que diferem-se não só pelas cores, mas pelos danados que mastiga. Em cada uma das bocas são mastigados os pecadores: Judas, Brutus e Cássio. Dante narra está cena de uma maneira que provoca no leitor a sensação de horror e desgosto, algo repugnante e bestial. Além das faces e dos pares de asas, Dante apresenta a bestialidade do Diabo cobrindo seu corpo grandioso com pelos.

Ao chegarmos à altura da junção
 da coxa ao tronco do gigante averno,
 meu guia, dando sinais já de exaustão,
 reverteu o corpo, sem perder governo
 do pelame, e seguiu, ora subindo,
 dando-me o senso de voltar pro inferno.
 (ALIGHIERI, 2008, p.228)

O corpo felpudo e as suas asas são uma demonstração das figuras bestiais e do desconhecido, uma associação das características animais ao Diabo. O Rei do Inferno é apresentado de diversas formas e não carrega uma representação ideal sendo muitas vezes o oposto daquilo que é tido como bom pela religião cristã. O Diabo da *Divina Comédia* reina no Inferno e carrega o peso de todos os pecados, sendo por isso a ponta do cone invertido deste ambiente. Ele é grotesco e animalesco, a sua queda do Paraíso celestial o deformou:

Dante pretendeu apresentar Lúcifer vazio, tolo, e desprezível, um contraste fútil para a energia de Deus. Dante viu o mal como negação e teria pensado o Diabo de Milton muito mais ativo e efetivo. A ausência formal de Lúcifer de grandes áreas da Comédia e do próprio Inferno indica o acorde de Dante com a teologia escolástica, limitando o papel do Diabo. (RUSSEL, 2003, p.217)

O Diabo passa a ser transformado na besta primordial, não apenas na besta física retratada na literatura e na arte, mas também na besta que produz atos monstruosos e animalescos, atos que todo ser humano teria de evitar para não deixar que o próprio Diabo o possuísse. Dessa forma a besta passa a ser considerada um animal possuído pelo demônio, cujas ações seriam conduzidas para a anarquia, matança e carnificina, o mais longe possível da luz e de Deus. O lobisomem e todos os outros seres que aterrorizavam as civilizações passam a ser considerados servos do Diabo, sendo ele retrato dessa maneira, com rabo, pêlos, garras, cauda, asas e cuspidor de fogo, muitas vezes confundido ou idealizado como um dragão (MUCHEMBLED, 2001).

O Lúcifer dantesco é apresentado de uma forma medonha, monstruosa, grotesca e horrorosa, uma oposição ao belo, à luz, ao Cristo, aos anjos e a Deus. A partir do século XIII e início do XIV, o Diabo é associado às bestas, ele passa de um ser meio humano com características animalescas para se constituir na própria imagem do monstro e do desconhecido que gera e transmite medo da mesma forma que é grotesco e medonho.

Bibliografia

ALIGHIERI, D. **A Divina Comédia: Inferno**. 1ª Edição (1998). Prefácio por Carmelo Distante, tradução e notas por Italo Eugenio Mauro. Edição bilíngue. 15ª Ed. São Paulo: Editora 34, 2008.

BEAULIEU, M. P. Pregação. In: LE GOFF, J; SCHMITT, J. **Dicionário temático do ocidente medieval**. São Paulo: EDUSC, 2006. p.367-376.

BECKER, U. **Dicionário de Símbolos**. São Paulo: Paulus, 2007.

CHEVALIER, J; GHEERBRANT. **Diccionario de los Símbolos**. Barcelona: Editorial Herder, 1986.

DISTANTE, C. Prefácio. In: ALIGHIERI, D. **A Divina Comédia: Inferno**. São Paulo: Editora 34, 2008. p. 7-17.

FRANCO JUNIOR. H. **Dante: o poeta do absoluto**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000

LE GOFF, J. **A Civilização do Ocidente Medieval**. São Paulo: Edusc, 2005

LE GOFF, J. **O nascimento do purgatório**. Lisboa: Estampa, 1981.

LINK, L. **O Diabo: A máscara sem rosto**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MUCHEMBLED, R. **Uma história do Diabo: séculos XII-XX**. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2001.

NOGUEIRA, C.R.F. **O Diabo no imaginário cristão**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

RUSSEL, J. B. **Lúcifer: O Diabo na Idade Média**. São Paulo: Editora Madras, 2003.

SCHMITT, J. C. **Os vivos e os mortos na sociedade medieval**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

Imagem:

Um Diabo Lógico, Salvador Dalí. Disponível em <http://extra.globo.com/incoming/5661795-dec-76d/w448h673-PROP/dali-divina-comedia.jpg>, consultado em 07/10/2012.